

Aliança que sustenta FH tem data para terminar: 2002

Com a impossibilidade de nova reeleição do presidente, partidos que apóiam Governo já pensam em suas alternativas

Ailton de Freitas

Helena Chagas

• BRASÍLIA. É uma aliança com data marcada para terminar. A união PFL-PSDB-PMDB-PPB-PTB pode sobreviver à virada do milênio, mas não chega inteira à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002. Todos os que assumiram anteontem Governos e ministérios têm planos próprios, que agora não mais passam pela sustentação de um presidente que pode ser reeleito por mais quatro anos. O grande desafio de Fernando Henrique a partir de hoje é assegurar a governabilidade de seu segundo mandato administrando essa miríade de projetos políticos e pessoais.

— Presidente, o senhor só tem que temer quem não tem nada a perder — foi o conselho que o líder do PTB na Câmara, Paulo Heslânder, deu a Fernando Henrique há poucos dias, numa conversa em que tratavam de reforma ministerial.

O presidente riu. Mas sabe que conseguirá segurar a aliança que sustenta o Governo enquanto oferecer aos partidos que a compõem uma razoável expectativa de poder. Quem tiver um ministério ou um punhado de cargos de segundo escalão a perder pensará duas vezes antes de romper com o Planalto. Por isso, as previsões dentro da própria aliança são de que ela dura pelo menos até 2001, apesar do tiroteio quase diário entre seus integrantes. É a fatia de poder que cada um tem hoje que vai ajudar a fortalecer os projetos para 2002.

— A aliança vai passar por momentos difíceis nas eleições municipais do ano 2000, mas pode superar. Mas em 2002 cada qual segue seu caminho. O PMDB terá candidato à Presidência — diz o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha.

Amigos garantem que Tasso é o preferido do FH para 2002

Todos têm projetos, inclusive o PSDB do presidente. Fernando Henrique implodiria em poucos minutos a combalida aliança se dissesse publicamente o que alguns amigos garantem: seu candidato preferido para 2002 é o governador reeleito do Ceará, Tasso Jereissati. Por isso, pensa em trazer o amigo para Brasília nos dois últimos anos de seu mandato. Tasso ocuparia um ministério, preparando-se para uma possível campanha.

Mas os tucanos têm pelo menos duas outras opções: o governador de São Paulo, Mário Covas, e o ministro da Saúde, José Serra.

Além de questões pessoais, a opção, na hora certa, levará em consideração o tipo de aliança que o partido do presidente conseguir fazer.

— Se fizermos uma aliança mais à esquerda para a sucessão presidencial, quem sabe até com o PT, o candidato é o Covas. Se for mantida a chapa com o PFL, o nome é o Tasso — afirma o deputado Ubiratan Aguiar (PSDB-CE), do grupo de Tasso Jereissati.

Integrantes da cúpula tucana acham que o PFL, por não ter mais o candidato natural que era o deputado Luís Eduardo Magalhães, tenderá a acomodar-se na atual aliança e aceitará apoiar um novo candidato. Os pefelistas, porém, acenam com Antônio Carlos Magalhães, Jaime Lerner e até Marco Maciel. Recusam qualquer afirmação de que ficariam na aliança por falta de opção.

— Estamos nessa coalizão em função de um projeto, do interesse público — diz o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, ao negar que a união PFL-PSDB vá ter vida curta.

Esquerda do PSDB e PMDB sonham com apoio do PT

O PT derrotado nas três últimas eleições presidenciais é, por mais estranho que pareça, o objeto do desejo de boa parte dos atuais aliados do Governo em 2002. Além do setor mais à esquerda do PSDB, até o PMDB sonha em aliança com os petistas. O candidato preferencial do PMDB à Presidência é hoje o ex-presidente Itamar Franco — o mesmo que acabou escoraçado da convenção nacional do partido que, em março, decidiu não ter candidato contra Fernando Henrique. Agora, todos os caciques peemedebistas se unem em torno desse potencial candidato, que está fazendo aliança com o PT no Governo de Minas Gerais.

— Itamar é um bom candidato, embora tenhamos outros nomes. E não se deve descartar uma composição com o PT num segundo turno — afirma o ministro da Justiça, Renan Calheiros, que não quer melindrar outros possíveis candidatos, como o ex-presidente José Sarney.

Com todos os corredores já posicionados no ponto de partida, Fernando Henrique já elaborou sua estratégia. Vai ficar quieto e não tocar no assunto sucessão enquanto puder. Guardará consigo, ao máximo, suas preferências. Mas, segundo amigos, não vai abrir mão de, na hora certa, entrar nas articulações para compor uma chapa e tentar eleger seu sucessor. ■



LUIZ CARLOS Mendonça de Barros e André Lara Resende chegam juntos ao jantar oferecido pelo presidente aos amigos, sexta-feira, no Palácio Alvorada